

Reificação e Barbárie. Crítica às Relações Sociais Capitalistas

André Mayer¹

1 - Configuração atual da ordem do capital

Iniciar este artigo com um estudo sobre a ordem contemporânea do capital é imprescindível. "O capital é a potência econômica da sociedade burguesa que domina tudo". (MARX, 1982:19). Compreender o estágio atual em que se encontra este modo de produção material e espiritual da vida permite que discutamos o cotidiano sem perder de vista a totalidade à qual estamos imersos e à qual somos escravos.

Segundo Mészáros (2002), vivemos uma crise estrutural do próprio "sistema de controle do metabolismo do social" - *o capital*. Esta crise atinge o conjunto da humanidade.. Este "*sistema orgânico*" consiste na subordinação de todos os elementos da sociedade a si próprio e garante sua dominação como *produção generalizada de mercadorias*, em oposição (superação) às formas precedentes de intercâmbio produtivo entre os seres humanos.

O capital pôde nascer e triunfar sobre seus antecedentes históricos abandonando todas as considerações às necessidades humanas como ligadas às instituições dos "valores de uso", sobrepondo a estes últimos o imperativo fetichizado do "valor de troca".

¹ Doutor em Serviço Social. Professor Adjunto do Curso de Serviço Social da UFOP. Membro do Grupo de Pesquisa CNPQ - Liga dos Comunistas. Núcleo de Estudos Marxistas.

A absoluta necessidade do capital de se expandir enquanto modo de produção e reprodução da vida material e espiritual, impondo sua lógica expansionista, cruel e devastadora, trouxe em seu rastro, limitações para a viabilidade do sistema em geral.

Para Mészáros (Idem), o capital do século XX foi forçado a responder às crises cada vez mais extensas, aceitando as "restrições racionais" como um modo de superar suas dificuldades, e pode conseguir adaptar-se às pressões somente retrocedendo atrás de sua própria fase progressista de desenvolvimento e abandonando completamente o projeto capitalista liberal, apesar de toda ideologia construída em contrário.

O Capital tem (e deve ter) sua expansão orientada e dirigida pela acumulação. O que está em questão não é um processo delineado pela crescente satisfação das necessidades humanas. Mais exatamente, é a expansão do capital como um fim em si, servindo à preservação de um sistema que não poderia sobreviver sem constantemente afirmar seu poder como um modo de reprodução ampliado.

O sistema do capital é essencialmente antagônico devido à estrutura hierárquica de subordinação do trabalho ao capital, o qual usurpa totalmente - e deve sempre usurpar - o poder de tomar decisões. Este antagonismo estrutural prevalece em todo lugar abarcando as relações e estruturas reprodutivas mais abrangentes. E, precisamente porque o antagonismo é estrutural, o sistema do capital é "irreformável e incontrolável".

"Sendo um modo de metabolismo social totalizante e, em última instância, *incontrolável*, dada a tendência *centrífuga* presente em cada microcosmo do capital, esse sistema assume cada vez mais uma lógica essencialmente *destrutiva*. Essa lógica (...) deu origem a uma das tendências mais importantes do modo de produção capitalista, que Mészáros denomina *taxa de utilização decrescente do valor de uso das coisas* (...) O capital operou,

portanto, o aprofundamento da separação entre a produção voltada genuinamente para o atendimento das necessidades humanas e as necessidades de auto-reprodução de si próprio. Quanto mais aumentam a competição e a concorrência inter-capitais, mais nefastas são suas conseqüências, das quais duas são particularmente graves: a destruição e/ou precarização, sem paralelos em toda a era moderna, da força humana que trabalha e a degradação crescente do meio ambiente, na relação metabólica entre homem, tecnologia e natureza, conduzida pela lógica societal subordinada aos parâmetros do capital e do sistema produtor de mercadorias". (ANTUNES, 2000:25-26)

É ilusório introduzir as mudanças fundamentais para remediar a situação imposta pelo capital sem superar o "antagonismo estrutural" devastador do sistema do capital. E isso só pode ser atingido colocando em seu lugar uma forma radicalmente diferente de reprodução do metabolismo social, orientada para a crescente satisfação das necessidades humanas; um modo de produção material e espiritual da vida que seja controlado "pelos próprios produtores associados".

"Os antagonismos sociais do sistema do capital não podem ser eliminados, apesar de todo o arsenal de racionalização acionado pela ideologia dominante porque são antagonismos estruturais. Os antagonismos que emanam das estruturas vitais do capital são reproduzidos sob todas as circunstâncias históricas da era do capital". (MÉSZÁROS, 2002:106)

A dominância do capital no reino da produção material se dá paralelamente ao desenvolvimento das práticas políticas de um Estado que tem sua gênese, estrutura e desenvolvimento atrelados à sociedade burguesa. A consolidação do Estado é exigência absoluta para assegurar e proteger permanentemente a produtividade do sistema. O

Estado se afirma como pré-requisito indispensável para o funcionamento permanente do sistema do capital.

O cenário atual de "mundialização da economia" e da explicitação da "vitória do sistema de mercado", esconde um modo específico de funcionamento e de dominação política e social da ordem do capital.

Atrás do eufemismo do "mercado" encontram-se formas cada vez mais concentradas de capital que detêm um poder econômico, sempre maior, que inclui uma capacidade muito forte de influenciar no mercado.

Ao término dos últimos vinte anos, são as instituições constitutivas do capital financeiro, com fortes características rentáveis, que determinam, por intermédio de operações que se efetuam nos mercados financeiros, tanto o ritmo de investimento, quanto as repartição das receitas.

São chamados de "investidores institucionais" (fundos de pensão, fundos coletivos de aplicação, sociedades de seguros, bancos que administram sociedades de investimento). Os "investidores institucionais" tornaram-se, por intermédio dos mercados financeiros, os principais responsáveis pelas maiores movimentações no sistema de mercado. Fizeram da centralização dos lucros não reinvestidos das empresas e das rendas não consumidas das famílias, o trampolim de uma acumulação financeira de grande dimensão.

O mundo contemporâneo apresenta uma configuração específica do capitalismo, na qual o capital financeiro, o capital portador de juros, está localizado no centro das relações econômicas. Esse capital busca fazer dinheiro sem sair da esfera financeira, sob

a forma de juros de empréstimos, de dividendos e outros pagamentos recebidos a título de posse de ações e, enfim, de lucros nascidos de especulação bem-sucedida.

"Estamos diante de uma lógica econômica em que o dinheiro entesourado adquire, em virtude de mecanismos do mercado secundário de títulos e da liquidez, a propriedade 'miraculosa' de gerar filhotes. O 'capitalismo patrimonial'² é aquele em que o entesouramento estéril, (...) cede lugar ao mercado financeiro dotado da capacidade mágica de transformar o dinheiro em um valor que 'produz'". (CHESNAIS, 2005:50)

Em um mundo dominado pelas finanças, a vida social em quase todas suas determinações tende a sofrer as influências daquilo que Marx designa como a forma mais impetuosa de fetichismo. O triunfo do fetichismo financeiro provocou um salto do fetichismo inerente à mercadoria. A "mundialização do capital" apresenta-se como sendo o quadro onde a relação social dos produtores no conjunto do processo de trabalho aparece mais uma vez e com força renovada, como uma relação social externa a eles, uma relação entre objetos.

O capital se impõe perante a sociedade como sujeito autônomo. Tendo a si próprio como limite, transforma o mundo em uma grande feira comercial, à medida que cria seus próprios mercados e os internaliza à sua lógica de reprodução. O capital encontrou espaços para revolucionar ainda mais as forças produtivas - mas, sem uma expansão horizontal dos mercados. Não significa somente criar novos mercados. Importa também racionalizar os mercados existentes e potencializar sua capacidade de

² Trata-se de uma configuração específica da propriedade capitalista, que é dominada pelo acionista institucional possuidor de títulos das empresas.

realização, fazendo do nascimento e da morte das mercadorias, um "ritual" que não deixa vestígios na lembrança dos consumidores.

Na ordem do capital, a criação e expansão das necessidades humanas só podem realizar-se sob a forma de mercadorias. O valor de troca é primeiro em relação ao valor de uso. A produção de coisas úteis para a humanidade só é levada a cabo à medida que se mostre lucrativa para o capital. O capitalista produz valores de uso não por amor, mas somente porque são portadores de valores de troca. Se o valor de uso a ser produzido não pode se realizar como valor de troca, como mercadoria disposta à venda, ele não será objeto de produção e, assim, não poderá satisfazer a nenhuma necessidade social, por mais importante e necessária que esta seja.

A produção capitalista é um modo de produção marcado por uma contradição permanente: por um lado, o capital impulsiona o desenvolvimento das forças produtivas, com vistas à produção de uma massa crescente de valores de uso; por outro, limita esse desenvolvimento às necessidades de valorização do valor. Essa contradição não pode ser abolida dentro dos limites da produção capitalista; sua anulação significaria pôr o desenvolvimento das forças produtivas a serviço do homem e não do capital. O crescimento contínuo da produção de valores de uso, de um lado, e a valorização do valor, de outro, exigem a criação de formas sociais dentro das quais essa contradição se mova e se realize.

Em consequência das profundas transformações do atual processo de acumulação do capital, surgem novas formas de organização e gerenciamento do processo de trabalho para racionalizar e potencializar o consumo produtivo da força de trabalho. Esta, sob novos métodos e técnicas de contratação e gerenciamento, recompõe

a unidade das diferentes fases do processo de trabalho, recriando um novo tipo de trabalhador coletivo, consolidando mudanças profundas no mundo do trabalho.

Com a reestruturação produtiva do capital, o padrão produtivo "fordista"³ vem sendo crescentemente substituído ou alterado pelas formas produtivas flexibilizadas, com alto avanço tecnológico, com o envolvimento manipulatório dos trabalhadores, onde o capital busca o consentimento e a adesão dos mesmos.

Com a consolidação do "toyotismo"⁴, intensifica-se ainda mais o processo de interiorização do trabalho alienado; o que deveria ser uma atividade vital do ser social que trabalha, converte-se em mercadoria, sendo que o produto do trabalho aparece como alheio e estranho ao trabalhador, pois o operário deve pensar e fazer pelo e para o capital.

Expande-se a precarização da força humana que trabalha e a degradação da relação entre ser social e natureza, criando-se uma sociedade do descartável, mantendo-se, entretanto, o circuito reprodutivo do capital. Pode-se ver cada vez menos homens e mulheres que trabalham muito e em ritmo intenso, e cada vez mais homens e mulheres encontram menos trabalho, e buscam uma oportunidade em qualquer outra possibilidade precária ou vivem as misérias do desemprego.

Como o capital pode reduzir muito, mas não pode eliminar completamente o trabalho vivo do processo de criação de mercadorias ele deve, além de incrementar sem

³ Trata-se do padrão produtivo capitalista desenvolvido ao longo do século XX e que se fundamentou basicamente na produção em massa, em unidades produtivas concentradas e verticalizadas, com um controle rígido dos tempos e movimentos, desenvolvidos por um proletariado coletivo de massa, sob o forte despotismo fabril.

⁴ Trata-se da produção vinculada à demanda, variada e heterogênea, fundada no trabalho operário em equipe, com multivariabilidade de funções, o melhor aproveitamento possível do tempo e horizontalização do processo produtivo.

limites o trabalho morto corporificado no maquinário, aumentar a produção vinculada à demanda, variada e heterogênea, fundada no trabalho operário em equipe, com multivariabilidade de funções, com o melhor aproveitamento possível do tempo e horizontalização do processo produtividade do trabalho de modo a intensificar as formas de extração do sobretrabalho (da mais-valia) em tempo cada vez mais reduzido.

2 - A ordem do capital e as relações sociais

Em um texto singular - "O método da economia política" - Marx busca, em sua talentosa aproximação com a literatura, a inspiração para demonstrar o quanto o capital domina tudo. "É uma luz universal de que se embebem todas as cores, e que as modifica em sua particularidade. É um éter especial, que determina o peso específico de todas as coisas emprestando relevo ao seu modo de ser". (MARX, 1982:16).

Segundo Georg Lukács⁵ os enunciados concretos de Marx, devem ser compreendidos, como enunciados diretos sobre certo tipo de ser, são, portanto, afirmações ontológicas. As categorias da produção material da vida são determinantes, possibilitando assim uma reprodução ontológica do ser social sobre bases materialistas e a realidade social apresenta-se enquanto critério último do ser ou não-ser social de um fenômeno.

A ontologia marxiana do ser social exclui a transposição simples e vulgar, das leis naturais para a compreensão da sociedade. Ao reportar está reflexão para o âmbito das "análises econômicas", Lukács aponta que, para a concepção burguesa, a economia

⁵ LUKÁCS, G. *Ontologia do ser social. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. S. Paulo: Ciências Humanas, 1979.

é uma "mera ciência particular", na qual a dinâmica econômica, com seus respectivos fatos econômicos, é isolada de todo um complexo que forma e constitui o ser social e as relações sociais como totalidade. Estes fenômenos econômicos passam a ser analisados de forma isolada, fragmentada, como se cada parte tivesse "estatuto próprio"; relacionando-os com outros setores também observados isoladamente e de modo igualmente artificial - direito, sociologia, política, etc. A perspectiva da totalidade é eliminada da investigação científica e a investigação das partes isoladas deve ser a referência primordial para se compreender a realidade social; e o resultado desta investigação é apresentado como lei eterna e natural para toda a sociedade.

Ao contrário, a teoria social construída por Marx tem por base a reprodução ideal do movimento real do objeto, tendo sempre em vista a totalidade das relações do ser social.

"Em Marx o ponto de partida não é dado nem pelo átomo (como nos velhos materialistas), nem pelo simples ser abstrato (como em Hegel) (...) O ser em seu conjunto é visto como um processo histórico (...) as categorias não são tidas como enunciados sobre algo que é ou que se torna, mas sim como formas moventes e movidas da própria matéria: 'formas de existir, determinações da existência'". (LUKÁCS, 1997:11)

Marx atentou para a relação entre o homem e a natureza, levando sempre em consideração que o ser social e a sociedade por ele construída é historicamente determinada. Para a compreensão da "totalidade" da sociedade, Marx parte da produção material da vida e descobre que esta produção consiste em uma relação permanente dos homens com a natureza; e que pra esta relação, o trabalho é a categoria central.

Através do trabalho, afirma Marx, o próprio homem que trabalha é transformado pelo seu trabalho e ao mesmo tempo, ao atuar sobre a natureza, modificando-a, modifica também a sua própria natureza. A natureza, a "terra", é objeto fundamental para a realização do trabalho. Esse objeto também é transformado em meios - meios de trabalho - que juntamente com objeto em si, constituem os meios de produção. Os meios de produção e o trabalho - o trabalhador - apontam o conjunto das forças produtivas.

Com o trabalho, e o seu processo historicamente determinado, potencializa-se a possibilidade do desenvolvimento dos homens que trabalham. Mas estes não conseguem perceber todas as circunstâncias que envolvem o processo de trabalho, nem de todas as suas conseqüências.

Mas na sociedade, não existe só a atividade do trabalho. Existe também um conjunto, de objetivações, de ações humanas, que envolve uma série de atividades que coroam o "existir social". O trabalho, por ser uma categoria social, é apenas um elemento da práxis humana e este, apenas pode existir como um dos atores de um complexo dialético que constitui o conjunto das relações sociais. Além do trabalho, a vida social contém uma enorme variedade de atividades - espirituais, afetivas, culturais, sexuais - voltadas para atender às necessidades que brotam do desenvolvimento das relações sociais e as mesmas sempre se articulam ao trabalho, como categoria determinante.

Para Marx há uma distinção fundamental no processo de trabalho na ordem do capital. Se o trabalho, presente em todas as formas de sociedade, é a categoria fundante e central que constitui o ser social, como criador de valor de uso para atender as necessidades vitais deste ser; como atividade de transformação do real pela qual o

homem constrói, concomitantemente, a si próprio como indivíduo e a totalidade social da qual é protagonista; e portanto, a categoria decisiva da elevação dos homens para níveis cada vez mais elevados de sociabilidade; na ordem do capital, o trabalho (trabalho abstrato) torna-se uma atividade social mensurada pelo tempo de trabalho socialmente necessário e produtor de mercadoria - mais-valia, submetendo os valores de uso à valorização do valor; potencializa a submissão do ser social à ordem burguesa e ao "sistema de mercado" capitalista, complexo social que transforma as nossas relações sociais em relações sociais reificadas - coisificadas - articulando nossas vidas pelo processo de alienação específico da ordem do capital - pelo fetichismo da mercadoria.⁶

Segundo Marx (1983:70)⁷, "(...) a mercadoria (...) é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas (...) O caráter místico da mercadoria não provém do seu valor de uso". O caráter místico da mercadoria provém desta forma mesma do produto do trabalho humano, não mais produzido somente como valor para o uso necessário à sobrevivência humana, mas como valor para a troca mercantil, necessária para a sobrevivência do sistema de mercado.

"O misterioso da forma mercadoria consiste (...) no fato de que ela reflete aos homens as características do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos do trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora

⁶ Em Lukács (1981), a ordem do capital, a sua essência e os seus aspectos fenomênicos, consubstanciam uma dinâmica, um complexo estruturante, que permite à ordem dominante escamotear o funcionamento do real, facilitando a reprodução do modo de produção capitalista e enfraquecendo as resistências que irrompem no seio da sociedade.

⁷ MARX, K. *O Capital. Crítica da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, "Os economistas", I, 1, 1983.

deles, entre objetos (...) Não é mais nada que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de relação entre coisas (...) para encontrar uma analogia temos que nos deslocar à região nebulosa do mundo da religião. Aqui os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, autônomas, que mantém relações entre si e com os homens. Assim, no mundo das mercadorias, acontece com os produtos da mão humana. Isso eu chamo o fetichismo que adere aos produtos do trabalho, tão logo são produzidos como mercadorias, e que por isso é inseparável da produção de mercadorias. (MARX, 1983:71).

Para Marx, na ordem do capital, com a consolidação da produção para o mercado, as relações sociais - a sociabilidade - acontecem neste espaço em que as pessoas (os produtores) entram em contato social sob o manto protetor da "mão invisível" do sistema de mercado.

"Como os produtores somente entram em contato social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente sociais de seus trabalhos privados⁸ só aparecem dentro dessa troca (...) os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores. Por isso, aos últimos aparecem as relações sociais entre seus trabalhos privados como o que são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, senão como relações reificadas entre as pessoas e relações sociais ente as coisas".
(Idem)

⁸ Para Marx (1983), "Objetos de uso se tornam mercadorias apenas por serem produtos de trabalhos privados, exercidos independentes uns dos outros".

A idéia central do sistema de Marx é sua crítica da reificação capitalista das relações sociais de produção e a alienação do trabalho.

Marx ainda observa que,

"De todas as formas, entretanto, o *capital a juros* constitui o fetiche mais completo. Encontramos aqui o primeiro ponto de partida do capital - o dinheiro - e a fórmula $D - M - D'$, é reduzida aos seus dois extremos $D - D'$. Dinheiro que cria mais dinheiro. É a fórmula mais originária e geral do capital concentrada num resumo sem sentido." (MARX, 1982:189)

Para José Paulo Netto, em *Capitalismo e Reificação*⁹.

"Enquanto a organização capitalista da vida social não invade e ocupa todos os espaços da existência individual, como ocorre nos períodos de emergência e consolidação do capitalismo (capitalismo comercial e industrial-concorrencial), ao indivíduo sempre resta um campo de manobra ou jogo, onde ele pode exercitar minimamente a sua autonomia e o seu poder de decisão, onde lhe é acessível um âmbito de retotalização humana que compensa e reduz as mutilações e o prosaísmo da divisão social do trabalho, do automatismo que ela exige e impõe, etc. Na idade avançada do monopólio, a organização capitalista da vida social preenche todos os espaços e permeia todos os interstícios da existência individual: a manipulação desborda a esfera da produção, domina a circulação e o consumo e articula uma indução comportamental que penetra a existência dos agentes sociais particulares - é o inteiro cotidiano dos indivíduos que se torna *administrado*, um difuso terrorismo psico-social se destila de todos os poros da vida e se instila em todas as manifestações anímicas e todas as instâncias que outrora o indivíduo podia reservar-se como áreas de

⁹ NETTO, José Paulo. "Fetichismo: teoria marxiana da positividade capitalista" in NETTO, José Paulo *Capitalismo e Reificação*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

autonomia (a constelação familiar, a organização doméstica, a fruição estética, o erotismo, a criação de imaginário, a gratuidade do ócio, etc.) converte-se em limbos programáveis. (...) A osmose generalizada desta lógica institucionaliza até os 'mundos paralelos' – ela os instrumentaliza a todos, inclusive aqueles que se arrogam o projeto de um romântico escapismo". (NETTO, 1981: 81-82).

O termo “osmose generalizada” (da lógica do capital), apresentado por Netto, apesar de sua correção analógica, parece-me não simbolizar as terríveis conseqüências advindas desse processo, tão bem sintetizado no texto acima. Penso que se trata mais de uma metástase - "disseminação de focos de um tumor" - que devora a vida material, cultural e espiritual de seus hospedeiros, matando-os definitivamente ou deixando-os em "estado vegetativo". Apresenta-se enquanto uma possibilidade real e concreta de crescimento sócio-econômico para todos, mas possui um mecanismo interno estruturalmente excludente, mecanismo este, que não leva em conta as necessidades fundamentais do ser social. Para conseguir tal façanha impinge um processo brutal de alienação à sociedade, através do fetichismo da mercadoria; um processo que não se localiza somente na esfera da produção, mas que permeia todas as relações sociais, através da "coisificação" dessas relações.

3 - Reificação e barbárie

Este tópico inicia-se tomando como "baliza" um trecho das considerações apresentadas por Marx em 1859, no "Prefácio" à obra *Para a Crítica da Economia Política*. Trata-se do "resultado geral" que Marx chegou e que norteou seus estudos

posteriores, após compreender que a anatomia da sociedade burguesa deveria ser investigada através da Economia Política.

"Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que nada mais é do que a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade dentro das quais aquelas até então se tinham movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, essas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevêm então uma época de revolução social. Com a transformação da base econômica, toda a enorme superestrutura se transforma com maior ou menor rapidez. (...)" (MARX, 1982:25-26)

Com o fetichismo, o produto do trabalho humano - agora como mercadoria para a troca - aparece como se tivesse vida própria, autônoma. A reificação é exatamente a relação dos homens mediada por esta coisa - a mercadoria. Os sujeitos (os homens) tornam-se coisas e a coisa (a mercadoria) vira protagonista. As relações sociais passam a ser relações coisificadas (reificadas), pois esta é a forma de sociabilidade imposta (conquistada) pelo sistema do capital.

Com o desenvolvimento da sociedade burguesa, o fetichismo da mercadoria ganha potência e a reificação avança sobre as relações sociais da sociedade, reproduzindo, logicamente, a relação alienada da esfera da produção, como suporte fundamental e intrínseco da manutenção do escamoteamento da exploração do trabalho pelo capital; da valorização do valor de troca (atender ao mercado), em detrimento da valorização do valor de uso (atender as necessidades humanas).

A conclusão marxiana elencada acima - "o modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual" -, confirma-se a cada dia no sistema do capital, ou seja, o processo de produção material da vida, no sistema em questão, da mercadoria e seu fetiche, condiciona a relação social determinante que os homens vão estabelecer, tanto quando trocam as mercadorias no mercado (de sujeitos passam a objeto), quanto através do processo de reificação, que se estende às esferas outras da vida política, social, artística e espiritual dos homens, portanto, relações mercantis - coisificadas. Como o homem pode conseguir reconhecimento da sociedade, que só valoriza quem "conquista mercadorias e dividendos" por meio desta relação?

Esta reflexão me remete a um outro trecho da conclusão que Marx apresenta no texto de 1859: "Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes (...) De formas de desenvolvimento das forças produtivas, essas relações se transformam em seus grilhões. Sobrevêm então uma época de revolução social".

Na recente história da humanidade, existe uma contradição brutal entre o desenvolvimento das forças produtivas e as relações de produção inerentes a este

desenvolvimento. Os grilhões "saltam e soltam os olhos!" Sem dúvida, o fenômeno da reificação na contemporaneidade, como disse Netto em relação à reificação no Capitalismo Tardio, tem dado um fôlego inimaginável ao "sistema de controle do metabolismo social" - o capital - em especial à sua modalidade dominante - o capital financeiro.

Como conseguir construir esta "revolução social" apregoada no "Prefácio", se o processo de reificação domina a esfera da produção e reprodução social - desenvolvimento das forças produtivas & relações sociais de produção?

Como se posiciona o ser social hoje? Se posiciona, ou melhor, se relaciona, determinadamente, na esfera da produção e em todos os âmbitos da vida social, através de relações sociais alienadas e mercantilizadas - portanto, coisificadas - e sua ação está centrada na defesa do interesse próprio.

Dois caminhos me parece estarem mais próximos, do que a construção de "novas relações sociais de produção", devido às condições materiais e espirituais desta sociedade estarem reificadas.

Primeiro, o caminho de "patinar" dentro do modelo, por força da metamorfose adaptativa do capital. O que a tradição marxista subestimou, e subestima, penso eu, é a capacidade do capital de se adaptar à nova realidade de "socialização da política", funcionalizando a mesma; e a capacidade do capital quanto aos processos próprios à reificação. A estrutura por onde se destila a "coisificação", é tão bem construída, que o capital é capaz de socializar os sonhos de uma vida melhor (dentro da lógica da compra e venda de mercadorias) e privatizar as condições materiais para alcançar tal sonho (e outros fora da lógica da compra e venda da mercadoria) e o "ser social" não perceber

que tal processo leva à sua morte. Trata-se de uma "barbárie administrável". E o capital o faz com uma competência sem precedentes na história. Trata-se de um "genocídio a conta-gotas".

As condições objetivas para se construir uma contra-hegemonia, para reverter este quadro estão totalmente comprometidas. Seja pela via do "reformismo revolucionário", seja pelo caminho de uma "revolução explosiva".

"O tempo está se esgotando. Assim, somente uma alternativa radical ao modo estabelecido de controle da reprodução do metabolismo social pode oferecer uma saída da crise estrutural do capital. (...) A verdade desagradável hoje é que se não houver futuro para um movimento radical de massa, como querem eles [Os que falam a respeito de uma 'terceira via' como solução ao nosso dilema] também não haverá futuro para a própria humanidade. (...) Se eu tivesse de modificar as palavras dramáticas de Rosa Luxemburgo com relação aos novos perigos que nos esperam, acrescentaria a 'socialismo ou barbárie' a frase 'barbárie se tivermos sorte' - no sentido de que o extermínio da humanidade é um elemento inerente ao curso do desenvolvimento destrutivo do capital". (MÉSZÁROS, 2003:108-109)

Esta reflexão me remete ao segundo caminho que aponto como mais próximo de ser trilhado pela humanidade. O aprofundamento da barbárie em que vivemos, com o conseqüente e deliberado genocídio desta grande "massa sobrando" que não serve mais ao sistema de mercado. Uma "explosão de barbárie". Trata-se de um "genocídio aberto e franco" que "poderá" desencadear alguma reação na luta pela sobrevivência, e não por força de uma organização revolucionária.

4 - Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000.

CHESNAIS, François. (org.). *A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, conseqüências*. São Paulo: Boitempo, 2005.

LUKÁCS, Georg. *Ontologia do ser social. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. S. Paulo: Ciências Humanas, 1979.

_____. "As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem" in *Ontologia social, formação profissional e política*. Cadernos NEAM / PUC-SP, 1997.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política, Salário, preço e lucro. O rendimento e suas fontes*. São Paulo: Abril Cultural, "Os economistas", 1982.

_____. *O Capital. Crítica da Economia Política*. Vol. I,1, São Paulo: Abril Cultural, "Os economistas", 1983.

MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital - Rumo a uma teoria da transição*, UNICAMP, Campinas, 2002.

_____. *O século XXI. Socialismo ou barbárie?* São Paulo: Boitempo, 2003.

NETTO, José Paulo *Capitalismo e Reificação*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.